

4. Notícias dos Irmãos e das Fraternidades

Mandacaru no Deserto

Acabo de receber, neste dia, na festa de S. José, padroeiro de nossa paróquia, o boletim nº 126 da Fraternidade que nos traz o relato do retiro de João Pessoa com os textos usados na meditação proposta por D. Eugênio Rixen. É muito bom reviver o retiro e poder manter vivo o propósito assumido para o ano e nos alimentar desta espiritualidade libertadora e da encarnação. Renovamos, assim, o ardor missionário e a consciência de que somos discípulos do mestre, reconhecendo o último lugar como expressão de serviço e entrega ao povo de Deus na caminhada presbiteral.

Ao falar da experiência deste retiro, pensei no Mandacaru. Esta planta cactácea pertence à vegetação típica da caatinga, bioma encontrado apenas no nordeste brasileiro. A caatinga tem uma fisionomia de deserto, com índices pluviométricos muito baixos, em torno de 500 a 700 mm anuais. Em certas regiões do Ceará, por exemplo, embora a média para anos ricos em chuvas seja de 1.000 mm, pode chegar a apenas 200 mm nos anos secos. Além dessas condições climáticas rigorosas, a região das caatingas está submetida a ventos fortes e secos, que contribuem para a aridez da paisagem nos meses de seca. As plantas da caatinga possuem adaptações ao clima, tais como folhas transformadas em espinhos, cutículas altamente impermeáveis, caules suculentos, etc. Duas adaptações importantes à vida das plantas nas caatingas são as folhas na estação seca e a presença de sistemas de raízes bem desenvolvidos. A perda das folhas é uma adaptação para reduzir a perda de água por transpiração. Raízes bem desenvolvidas aumentam a capacidade de obter água do solo.

Diante desta característica da caatinga, pensei no Mandacaru, por ser uma planta do deserto. Nós que seguimos a espiritualidade do deserto, carregamos na nossa história de vida a marca do mandacaru. Na resistência a situações que ameaçam a vida, no compromisso com os pobres, na ousadia de pensar outro mundo possível, na crítica permanente ao neoliberalismo e nas políticas que geram exclusão e violência no meio da nossa gente. Este retiro nos levou a subir a montanha e experimentarmos neste santuário nordestino do extremo oriente das Américas o significado místico do deserto de Jesus e do nosso lugar no mundo, ocupando o lugar do mandacaru, nos diferentes desertos da história.

Algo que neste retiro marcou foi a partilha feita com inúmeros companheiros nossos que trabalham no nordeste: percebi o compromisso e a luta destes nossos irmãos nos desafios inúmeros aos quais são destinados. Sem dúvida, pude aprender muito com as histórias de vida e as experiências contadas. Alguns com projetos mais ousados, outros com experiências mais cotidianas, outros com experiências de fracasso em seus projetos, mas com intensa ternura diante do sentido da missão que não é expresso somente com vitórias, mas também com a condição de experimentar na pele o último lugar, como espinhos que fazem sobreviver nas diferentes condições climáticas do ministério.

Esperamos poder participar de outros retiros no Nordeste brasileiro, quem sabe nos afastando mais do litoral e nos aproximando mais da caatinga, onde nos reconheceremos como mandacarus no deserto. A espiritualidade do deserto, trazida pelos irmãos do nordeste, nos aproxima da experiência vivida pelo Irmão Carlos nesta busca de gritarmos o evangelho com a vida na construção dos sinais do Reino de Deus em nossa sociedade.

Pe. Daniel Higino Lopes de Menezes - Arquidiocese de Brasília

Minas Gerais

A Paz!

Aqui tudo bem. Estamos em ritmo de Santas Missões Populares, e o povo vai se animando e abraçando essa bandeira.

Estivemos reunidos em Riacho dos Machados: Pe. Ernesto, Pe. Jeam Marie e eu, Infelizmente não foi ninguém mais. Seria um encontro de Minas e do Leste.

Valeu o esforço e a ida lá. Passamos o dia juntos. Rezamos, partilhamos, fizemos a adoração ao Santíssimo e à noite celebramos com a comunidade.

Deus lhe abençoe.

Pe. Hideraldo

Campinas

Meus irmãos,

Faleceu na madrugada do dia 27 de junho o nosso querido e saudoso amigo Pe. Benedito Pessoto. Um homem que viveu em grande fraternidade e bebeu da espiritualidade do Irmão Carlos de Foucauld. Sempre aberto e com o olhar no futuro, amou e serviu a Igreja com extrema fidelidade. Um padre que se despertou com o Concílio Vaticano II e sempre sonhou com a sua implementação. Uma pessoa próxima do povo e amigo dos padres, vivendo em profunda comunhão com o Presbitério.

Fez história, ajudou a edificar o Reino, construiu a Igreja de Cristo, deixa saudades entre nós.

Um abraço fraterno,

Pe. Paulo Crozera